



Gaiato

7 DE MAIO DE 1966
ANO XXIII — N.º 578 — Preço 1\$0

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

TRIBUNA DE COIMBRA

Páscoa. Ressurreição. Alegria. Louvores a Deus.

Em Sexta-feira e Sábado Santos encontramos o Senhor crucificado em muitos irmãos, mas na Vigília Pascal voltámos a encontrá-Lo Ressuscitado na alegria de muitos outros.

Os primeiros foram os três baptizados. Eles, a seguir a Cristo, por Ele, com Ele e Nele, foram o centro das atenções da assembleia cristã. Vestidos e calçados de branco, com túnicas alvas e resvestidos, pareciam três anjos de alegria.

O João Maria, com 8 anos muito vivos, não cabia em si. Há tempos a mãe, acompanhada de um velho com quem vive, veio vê-lo. João Maria não lhes ligou nada.

Luís Filipe e Tozé, de sete e cinco anos, não entenderam a grandeza do Sacramento, mas sentiram a alegria e carinho de todos aqueles que os rodearam. Soubemos há dias que o Pai, depois da tragédia da barraca e esposa queimadas e filhos hospitalizados, começou a relacionar-se com uma mulher casada, mãe de cinco filhinhos, e há pouco fugiram amhos e assim andam a monte nos arrabaldes de Lisboa.

Com não menos alegria, porque mais conscientes, sentiram a Ressurreição do Senhor os dez que fizeram a primeira Comu-

nhão. Também eles, vestidos de túnica branca, eram anjos de felicidade.

João Maria de que já falámos. Angelo, raquítico e atrasado, filho de uma pobre mulher solteira com muitos filhos, veio das margens do Douro e andava por lá às esmolas. Calçou-se a primeira vez no dia em que o trouxemos.

Luís Manuel, da Figueira da Foz, abandonado, vivia com a avó que vive de esmolas e já não fazia nada do neto.

Eugénio, filho de uma pobre rapariga enganada, criada de servir em Lisboa, vivia na Serra com os tios que o maltratavam. Eugénio é morcão e zaragateiro; está um pouco mais alegre e dócil.

Zé Carlos, de Aveiro, é filho de uma mãe que se regenerou e veio a casar. O marido, como não é pai do Zé Carlos, não o quer na família.

Joãozinho, de Castelo Branco, orfão de mãe, tem cá um irmãozinho mais velho e o pai é um pobre servente em Lisboa que não tem ligado aos filhos.

Carlos Alberto, da Figueira da Foz, abandonado pela família, foi recolhido pela madrinha e foi-nos entregue por esta quando teve de se ausentar para África.

Cont. na SEGUNDA página

Regressámos esta madrugada de uma volta de seis dias consecutivos, começada no Barreiro e terminada ontem em Coimbra.

Festas são trabalho. Que o digam os nossos «batatinhas»!... Não menos o dirão os mais velhos e responsáveis, apesar da aparência de passeio que a jornada tem para os que não participam nela, para os que não têm consciência dela.

Festas são trabalho. Trabalho de quem as concebe, de quem as realiza, de quantos nela entram, de quem dá notícia dela ao público que há-de vir fazê-la também. É um trabalho e uma revelação. Não é este um dos aspectos menores a considerar, porquanto descobrir no meio de muitos os capazes, os mais

FESTAS

capazes de determinada actuação — é uma tarefa preciosa no achamento de valores humanos.

Desde que o pelouro das Festas foi ocupado por rapazes com muita autonomia na função, não tem falhado em nenhum ano a descoberta de talentos escondidos onde menos se esperava. É uma surpresa. Uma surpresa que nos encanta a nós e há-de prender a si mesmos e ao desejo de uma vida melhor aqueles a quem foi dada a oportunidade.

Todo o homem normal gosta de realizar-se. E há-de realizar-se na linha das suas aptidões, cultivando-as, desenvolvendo-as, amando-as. Sabendo — é certo — que

Continua na segunda página

A nossa festa este ano constituiu uma surpresa, segundo a afirmação de todos os espectadores. Como nos alegra este estado de espírito!... Ir à festa dos Gaiatos para ajudar a Obra de Pai Américo é algo de consolador, mas ficar surpreendido por um espectáculo que entusiasma e prende é uma realidade que impõe um prosseguir. Ainda não conseguimos esgotar a bilheteira. Não sabemos bem porquê. Mas ainda não conseguimos. Eu espero que o calor deste ano se não apague e que o ano que vem traga maior afluência.

SETÚBAL

A festa vale por si. Para além do esforço dos rapazes (E ele é tão grande! Tantas noites depois das aulas que terminam às 23 horas se ensaiou até à uma da madrugada); para além do apagamento daqueles que no meio deles são a centelha viva e se escondem para que eles brilhem; para além da arte e da beleza que encerra — a festa vale por ser uma prova insofismável de que algo de construtivo se faz pelos abandonados. É a floração dos valores humanos apresentados no palco que mais empolga e arrasta.

À saída um jornalista veio dar-nos um abraço com esta expressão a saltar-lhe da alma: Conquistaram mais um amigo. A Obra tem o condão de conquistar. Cada um dos que vão à festa, se não era, fica a ser amigo.

O Luíza Tody foi todo nosso nesse dia. O pessoal sacrificou-se ainda para esconder na capa o seu óculo. A Polícia e os Bombeiros nada quiseram. Só as Finanças não perdoaram. Ali reina a burocracia e a «dura lex sed lex». Lei sem espírito.



O «Terylene» e o Octávio, também foram culpados da vossa surpresa

AREIAS do CAVACO

QUADROS DA NOSSA VIDA

A Casa está superlotada. Tem-lo dito a toda a gente que nos procura. Mas os pedidos de entrada são muitos. Continuam a ser muitos. Uns são casos tipicamente nossos. Outros não. A estes e àqueles não podemos abrir mais as portas. Há dias, porém, não resistimos. O garoto tem três anos e meio. Um encanto de menino. Diante de quadros como este, perguntamo-nos, muitas vezes, como é possível tal abandono. A história repete-se.

Em minha frente o documento legal que acompanhou o pequeno. No lugar do pai figura um traço, carregado, a

negro. Parei. Meditei. Este traço encobre um crime. E não há leis, nem agentes de autoridade, nem tribunais que obriguem a descobrir e julguem o criminoso, não para o encerrar numa prisão, nem para o condenar, mas para o obrigar a assumir a responsabilidade dos seus actos.

Aquele traço negro, onde devia estar o nome do pai, rasgou-me o coração. E as lágrimas inocentes que correram dos olhos do José António, de três anos e meio, caíram, como brasas vivas, na ferida aberta pelo traço negro.

Ponho diante dos teus olhos

estes quadros para que faças como eu — medites. É muito natural que também te venham as lágrimas aos olhos como vieram aos do José António. Acontece, porém, que há uma grande diferença entre as tuas e as dele; ou poderá haver. As dele são a voz da inocência ofendida. E as tuas? Se te limitas a chorar e a lamentar as desgraças alheias; se nada de prático tens feito para seear as lágrimas de tantos e tantos como o José António; se, ao olhares para teus filhos a quem nada falta, não pen-

Cont. na TERCEIRA página

CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA

AGORA

O grupo das Casas a Prestações, engrossado por mais algumas presenças, desde que na última saída da Procissão teve de aguardar vez para uma saída própria, começa agora a desfilar.

Abrem Berta e Jorge com uma presença sextupla. Outrotanto acontece a Helena com a sua renda prã Casa de S. Francisco. Segue-se o pendão da Casa de Eduardo, que fica em dia até ao fim de Março, com a importância total de 13.350\$00. Que o Senhor dê saúde aos seus construtores.

A Casa Carolina subiu mais uma fiada de 2 contos. E cá os esperamos no próximo verão.

A Casa do António e do Fernando que já atingiu a meta dos 12 contos, caminha agora para outra mais alta e mais real e deu uma passada de 2.700\$00. «Uma migalha mais para a Casa Bendita». São 100\$00.

De um Colégio do Porto, chega a notícia e a primeira pedra de mil de mais uma casa: de S. Judas Tadeu, sem reconhecimento de muitas graças que recebi por intercessão deste Apóstolo. É uma Religiosa que eu conheci em Angola e que desejo, em breve, rever.

Outra presença a lembrar-nos a querida Angola! É a Casa de um Casal de Luanda, agora em Coimbra. Chegaram mil e «tenciono enviar uma contribuição mensal a partir do próximo mês. Que o Senhor me ajude a cumprir esta intenção». E já ajudou, pelos vistos, pois no mês seguinte apareceram mais 250\$00.

De Ponta Delgada — Rua do Colégio, mais 6 contos.

Cinco pedras mais de 500\$00 na Casa de S. Bernardo e quatro dobradas de M. M. — A. L.

Maria Antonieta aparece quatro vezes, com 2 vezes 200\$00 e mais 500\$00 «de um dinheiro com que não contava e que me apresso a enviar para a Casa das três Marias». E ainda esta legenda admirável de uma Mãe plenamente consciente do seu papel de guia: «Grande será a minha felicidade se um dia souber que vive uma Família abrigada debaixo das minhas migalhas, das minhas renúncias, de algumas privações e, segundo a minha intenção, sempre para que Deus proteja as minhas três Marias. Que as ilumine para que elas conheçam a Sua Vontade e que as ajude a cumprir-La fielmente para merecerem ser felizes».

A Casa Pai Américo, levou três aumentos de 100\$00. A Casa louvado seja N. S. Jesus Cristo, um de 200\$00.

O Senhor do Rosário de Casas, acabou a Casa Coroação e começou a Casa Calvário que fica na 3.ª prestação. Mais outro ano e terminará os mistérios dolorosos.

A Casa de meu Pai, feita pelo Cruz, da Beira, desde Novembro

passado até hoje sofreu um aumento de 1.000\$00.

O Casal-assinante 28562 fica na 125.ª prestação. O assinante 6790 apareceu seis vezes e uma delas «reforçada». — «E no limiar deste ano novo» juntou mais este desabafo: «Pelas minhas contas já estou perto dos 13.000\$00, tudo migalhas pequenas ao longo dos anos, creio que seis ou sete! Fui, pelo menos, persistente, o que em mim não é usual. Demos graças a Deus!»

«A Mãe que crê em Deus», apareceu cinco vezes e deu notícias do filho. Pode crer que nos alegramos com elas.

Outra Mãe, a «de um assinante», atinge os 15.100\$00, dá graças a Deus por ter podido ir além dos 12 contos e escolhe o nome: «Casa para Ricos no Senhor. De uma Família pobríssima».

Mais mil de «uma grande pecadora» para a Casa Perdoai-nos, Jesus. A outra «Pecadora», com 2.000\$00 em Outubro e o mesmo em Março, para a Casa Jesus, consolai os que sofrem.

«Junto a oitava pedra para a Casa de S. Carlos», 500\$00. Chegou a 1.ª, de 1.700\$00 para a Casa do Espírito Santo. Trezentos para a Casa de N.ª S.ª do Rosário. Mil para a Casa N.ª S.ª do Lar. O mesmo para a Casa dos Estudantes, da Mãe dos ditos.

FESTAS

Continuação da primeira pág.

há-de carrear ao longo do caminho defeitos e as dificuldades que eles geram, mas aprendendo também a desembaraçar-se delas e a desprender-se deles — que a grande arma contra os defeitos é amarmos nós as virtudes e pela atracção delas entrarmos na sua órbita. As más tendências continuarão a perturbar-nos com as suas solicitações... Mas a nossa livre e amorosa prisão ao Bem será sempre o remédio definitivo e eficaz que nos porá no nosso caminho.

Por isso eu quero tanto a todas estas oportunidades de revelação de valores positivos. Que importa que com eles coexistam desvalores, pesos-mortos a impedir ascensões?! Até ao fim do mundo o joio crescerá com o trigo. Mas quanto mais crescer o trigo, tanto mais vai murchando o joio. Assim um valor que descobrimos em

Duas vezes 500\$00 da Maria Ernestina. Treze mil pesetas a juntar a outras 12.000, de L. Blanco. Cem para a Casa Renovação de uma promessa. Quatro mil como 2.ª prestação da Casa Jesus e Maria.

Cem mais quinhentos para a Casa de N.ª S.ª da Boa Hora, começada na Beira, do Índico e continuada do Porto. Fica em 4.500\$00. «Uma Mãe» com quatro pedras de 100\$ para a Casa de Santa Terezinha, pela salvação dos meus quatro filhos. Esta casa fica em 2.700\$. Maria do Resgate envia 500\$00 para a Casa sem nome. «Julgo que seja a 7.ª. Será?» Ora o Júlio diz-me que só tem duas registadas: uma em Janeiro/64; outra em Janeiro/65. Nas nossas contas esta será a 3.ª. Porém, como a casa é «sem nome», talvez por isso nós não tenhamos aberto ficha desde o princípio.

Mais mil para a Casa dos Grilos. «Julgo que agora ficará em 7 contos. É assim?» É sim senhor.

E fecha a procissão com esta nova presença da Beira: 5.500\$ para a Casa de N.ª S.ª das Dores dos Congregados. «Pelo S. João, (como sou natural daí), vou tentar mandar mais 6 contos e assim irá, se Deus no-lo permitir, todo o dinheiro, aos bocados. Tenho amor à minha terra e a todos esses bocadinhos que me viram crescer. Amo muito (será muito?) os nossos Irmãos mais desprotegidos; admiro-os como «heróis e santos»; e é por isso que eu e meu marido gostaríamos de ver uma família infeliz com a sua casinha, que é também a nossa maior aspiração ter uma casinha nossa».

nós, que nos apaixonamos, que nos faz crescer, assim este valor vai sombreando e enfraquecendo os desvalores — e um homem fica mais homem.

As nossas Festas são isto. São um trabalho respeitável.



Setúbal

Cont. da PRIMEIRA página
rito, sem matizes delicados, humano.

Este ano tentámos ainda no Barreiro. Julgámos que a ausência de metade da assistência o ano passado fosse por desconhecimento da Obra e da Festa. Tentámos outra vez levados pelas facilidades e boa vontade enormes da Direcção das Fábricas da C. U. F., mais da Gerência do Ginásio e da Câmara. Fizemos propaganda. Informámos as autoridades religiosas e civis. Pedimos colaboração aos amigos. Falámos do valor apologético e apostólico da nossa Festa. E não conseguimos compensação. Mais: não queremos que ninguém julgue que fazemos

Festa para «cravar». Aos amigos que nos acompanharam e tanto se deliciaram com o espectáculo e mais ainda se sacrificaram para nos ajudar, pedimos desculpa mas a nossa determinação é de não voltar.

O Ginásio foi nosso e ainda pôs no nosso bolso quinhentos escudos, depois de pagar todas as despesas. A Câmara mandou-nos buscar e levar. A cantina da C. U. F. carregou a nossa camioneta com muitas coisas boas. Se fossenmos para lucrar, voltaríamos ao Barreiro, pois nada perdemos, antes valeu a pena sob o aspecto material. Mas não. Fomos ao Barreiro para conquistar homens. E quase em vão.

Padre Acílio

Tribuna de Coimbra

Cont. da PRIMEIRA página

José Albino, de Tomar, foi abandonado pelo pai. E a mãe, doente, ficou com uma pequenina e foram ambas recebidas

por um casal de Lisboa com quem vivem.

Joaquim, de Cernache do Bonjardim, filho de uma pobre amigada com um homem casado e com filhos, tem mais 5 irmãos.

Zéquita, da Lousã, o mais novo de quatro irmãos que temos em nossa casa, foi-nos entregue pelo tribunal da Comarca. Zéquita fez ontem 8 anos. Logo de manhãzinha cá estava a mãe a cair de vinho e palavrado. Anda geralmente assim. Passa noites sem conta caída nas valetas. Os filhos não-de sofrer a vida esfarrapada da mãe.

Em todas estas vidas em hotão vejo as marcas familiares que não-de perdurar na sua formação. Vejo-os marcados para sempre, e por isso, abraçei-os e beijei-os com mais ternura. Contava também com os teus presentes e afinal esqueceste-te. Manda, que ainda chegam a tempo.

A nossa segunda festa no Teatro Avenida de Coimbra teve o mesmo calor e carinho da primeira. Só a sala estava menos cheia. Para o ano, se Deus quiser, esperamos que uma não fique a dever nada à outra.

Padre Horácio

Em plena actuação, «Caixa d'Óculos» topou uma pulga e o Domingos, sentindo o colarinho mexer-se, verifica se encontra ali o seu par.



BARREDO

Nunca tanto, nem tão bem como hoje, se falou dos economicamente débeis, na expressão internacional dos relatórios, ou simplesmente Pobres como a Igreja, dignamente, lhes chama. Estamos na história como a era da socialização, antes de tudo e no fim de contas política e económica, que da socialização dos direitos do homem, se se ouve falar, não se conhece planos realizados, a não ser em países eminentemente materialistas, como os escandinavos.

Temos ouvido falar muito da fome no mundo, como sofisma para a planificação da família, e como ameaça perturbante das futuras décadas.

E pouco se ouve falar do alojamento para a família actual, como uma das mais sérias causas da degenerescência psico-somática dos dois terços do mundo de amanhã, e consequentemente de grande parte dessa sociedade.

E não se ouve porquê? Porque o incentivo da socialização é um problema económico. E hoje mais que nunca e menos

que amanhã, repare-se, é anti-económico planejar e construir em ordem a uma conveniente criação e educação do homem. Esquecemos que a «habitação que satisfaça a necessidade do repouso e da procriação é depois do alimento e vestuário a terceira necessidade essencial do homem». E por isso, enquanto os barredos e ilhas continuarem a ser o que são, «todo o esforço de reconstrução social ou de regeneração do homem, não importa em que domínio, será votado ao fracasso». Estas são palavras dum autor francês que examina a situação do subproletariado no seu país. E vieram-me a propósito do que se passa connosco.

O Porto foi, entre nós, a primeira cidade a compreender a tragédia social da miséria, escandalosa já, de milhares de irmãos nossos, dentro dos seus muros. E pela inteligência das pessoas mais responsáveis, iniciou-se a substituição criteriosa das habitações incapazes por casas novas e bem dimensionadas, se bem que algo desenquadradas

da vida urbana. Iniciou-se e muito bem. O ritmo era vago e lento pela força das circunstâncias, que não pela energia de quem comanda.

Mas aparece uma dificuldade para continuar. Os concursos públicos para essas construções, vezes sucessivas, «têm ficado desertos», lia-se há tempos no relatório dos trabalhos da Câmara.

E porquê? O interesse ou antes a gula económica não tem compensação em larga escala e daí... não interessa mesmo.

Ao fazer estas reflexões eu lembro o último encontro com a Tia Carlota no Barredo. Aquele dia era de pagar a quota da Associação e ela não tinha nada para comer, senão os vinte e cinco tostões no bolso. Quis saber bem os fins da mesma. «São vinte e cinco tostões de quinze em quinze dias. Já é do tempo do meu menino» — o filho que lhe morreu tuberculoso, ali mesmo onde falamos, ainda em tempos que Pai Américo andava por aqui. «É pouquinho, mas já dá para nos enterrar. É só o caixãozinho, quando a gente der a alminha a Deus».

Quantas empresas construtoras estão para a sociedade de amanhã, como a Beneficência Familiar da Rua Formosa para os Pobres do Barredo...

Onde estão, ou não há, construtores no Porto que sejam homens cristãos?!

Padre José Maria



Cont. da PRIMEIRA página

nas aqueles filhos que nada têm e a quem falta a grande riqueza de ter pai e família constituída e, repito, nada de prático tens feito por eles, então as tuas lágrimas de nada valem.

Porque não vais ao teu orçamento e não incluis nele o quinhão do garoto da rua abandonado? Porque não te privas de tantas coisas supérfluas em benefício dos que nem o necessário têm? Medita. E como sabes a morada do José António dá-lhe a tua resposta.

.....

Repara e entra também: De uma Lobitense, 50\$00 «para um tijolo para a vossa Casa». Amêndoas e lembranças da C. V. P. (secção de Benguela); latas de conserva de fruta e de peixe da C. V. P. (secção do Lobito); mais um tijolo e uma telha, do Lobito, 50\$00 mais 20\$00; outra amiga, também do Lobito: «aquí vai um vale com umas «migalhinhãs» para ajudar a constru-

ção da vossa Casa». 1.100\$00; mais 100\$00, para os meninos; um pai, em acção de graças pelo nascimento de um filho vem com 500\$00; de um humilde empregado, 250\$00; de um grupo de Senhoras a viver em Caridade 390\$00 mais 492\$50; 600\$00 de assinaturas pagas; mais 500\$00 para o mesmo fim; 100\$00 da Catumbela e outros 100\$00 de Quiengues; 1.000\$, de Nova Lisboa; 100\$00 mais 50\$00; de J. F. C. 2.000\$00, referentes aos quatro primeiros meses do ano; 3.500 kg de bons adubos, oferta de Agrau; do Lobito «com imensa pena e desculpas por não poder ser mais», 100\$00; outros 100\$00, de uma amiga dedicada e perseverante; mais 100\$00, da Ganda; mais um tijolo de 100\$00, do Lobito; 150\$00 da Catumbela; e outro tanto do Lobito; mais 25 sacos de cimento de um empregado; e 200\$00 de Lisboa; 1.600\$, dados com muita discrição; de Moçambique, 200\$00; outros 200\$00 mais 150\$00, para tijolos.

Padre Manuel António

Começo por agradecer a todos os que atenderam o meu apelo em favor da nossa aprendiz, mãe de dois gémeos. Foram quase todas de Lisboa. Uma mãe de 17 filhos, se não me engano, até mandou por duas vezes. De uma alentejana e de uma avó de Torres Novas, chegaram também suas encomendas. Como os últimos são os primeiros, quero realçar o gesto de uma criada de servir de Vizela, que mandou fazer dois enxovais completos para os gémeos. Que belo exemplo a dar aos que nadam em dinheiro, mas que lhes falta o maior dom que deve ter toda a criatura humana: Dar aos necessitados. Vieram também 100+200 para o mesmo fim. Que Deus lhes dê pela vida fora a alegria que proporcionaram a esta mãe que toda se revê nos seus filhos, vestidos com a vossa generosidade.

Apesar de este artigo sair depois da Páscoa, não quero deixar de desejar a todos os leitores de «O Gaiato» (embora muitos deles ainda não nos conheçam) os melhores votos de Páscoa Feliz.

.....

Seguiu mais uma remessa de quinhentos e tal livros pró correio, após doloroso interrogatório. Doloroso mas sabroso — pela angústia (desespero é uma palavra muito feia...) de muitos assinantes da Editorial, pela nossa demora. Houve cartas belas, neste lapso de tempo; tão belas, que tenho pena «Caixa» as hotasse pró caixote. «Caixa» ou Manuel Pinto... Ambos se lançaram d'alma e coração a pôr correio em ordem.

Manuel Pinto, ainda agora fez uma observação oportuníssima. São as senhoras e cavalheiros

seguiu viagem prás malas dos C. T. T. (a esta hora os carteiros já os colocaram em vossas mãos) aquela última remessa, dizia, foi deliciosa. Admirei o interesse e o despacho de «Pinóquio». Zé Adolfo, coitado, não gosta muito que a gente lhe subtraia compositores. Tem poucos. Mas caiu, pelo «Pinóquio». Ora ele, que aviu já outras remessas, quase não teve tempo de olhar pró lado. Fez ver a mestre «Caixa». Perdão..., Laurindo. Ainda agora para aqui estava a mandar vir... «Sou Laurindo e não «Caixa

O «OBRA DA RUA»

que não dão nota certa de seus nomes, melhor, dos nomes insertos nos endereços da embalagem do livro, quando se resolve a mandar qualquer importância em troca. Resultado: «a gente vê-se à nora!» — diz Manuel Pinto. Mas aquele «vê-se à nora» foi repetido com ênfase e de braços no ar e de punhos cerrados sobre a mesa. Apre! Manuel Pinto está fulo! O certo, porém, é que o mal parte mais das senhoras que dos cavalheiros — opinião de «Caixa d'Óculos»: «Aqui são livros que seguem em nome do marido e a massa vem em nome delas... Não haja dúvida». Ele é peremptório! «Caixa» é homem de opinião. A última remessa que

d'Óculos». Muito bem! A idade respeita-se. Ele já faz a barba... Ora daqui pró futuro os senhores tenham paciência. Quando se referirem ao «Caixa» lembrem-se que ele quer ser tratado — e muito bem — por Laurindo, seu nome de baptismo.

Alto! Encontrei, agora, um postal que tinha guardado há muito, pela beleza que encerra, atendendo que diz tanto em tão pouco: «Peço o favor de me mandar o livro da Verdade». É da Amadora. Eu acho que o livro já seguiu. Mas, se não, tem mais que direito em dar-nos um puxão d'orelhas.

E é tudo.

Júlio Mendes



Encomendas enviadas: Penalva do Castelo, 2 chales; Castelo Branco, 4 chales. Pombalino, 2 chales; Oliveira de Azeméis, 1 chale; Santo Amaro de Oeiras, 1 pijama para homem, uma camisa e um avental para senhora; Estarreja, um chale, um pijama e um avental; Souto da Carpalhosa, um chale; Cuejães, 5 aventais; Ois da Ribeira, um chale; Para Dundo—Angola, 12 pares de casaquinhos para crian-

ça; de uma mãe de Lisboa, recebemos 3 encomendas de tiras para mantas. A missa que pedi já foi celebrada. Murtoza, 2 chales; Lisboa, 3 pares de soquetes e uma capa; de um anónimo recebemos 50\$; do Senhor de Lisboa que se assina Bem Haja, temos recebido sempre a nota mensal; Carregado, um chale; Carviçais, um chale; Lisboa, uma capa, um chale+2 chales; para o Senhor Major do silêncio, foram duas sacas para o pão, 2 pegas e 6 panos de cozinha; outra vez Lisboa, com um chale, e 6 camisolas; recebemos 10+10 para o novelo de lã; para o Porto, duas colchas em lã e algodão. Temos muitas feitas para cama de casal, a 200\$ e para individuais a 100\$. É só pedir! Póvoa de Varzim, 7 colchas e muitos chales. No próximo número continuaremos.

Maria Augusta



PELAS CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

* VISITANTES — Nestes últimos tempos têm vindo a nossa Casa, a fim de nos visitar, alguns amigos. Entre estes, no Domingo de Ramos, esteve cá o Senhor D. Francisco Rendeiro, Bispo Coadjutor de Coimbra desde 6 de Fevereiro e que desde então fizera o propósito de qualquer dia passar um bocadinho connosco. A oportunidade surgiu e nós tivemos muito prazer na visita.

Depois de o termos cumprimentado, o nosso Bispo foi visitar a Casa e no fim, reunimo-nos todos na sala de jogos dos grandes onde o Senhor

Bispo nos dirigiu algumas palavras a testemunhar a sua alegria em nos visitar.

Na hora da partida, deixou 2 pacotes de amêndoas na mão de um dos nossos.

Cá ficamos à espera de mais visitantes e não se esqueçam que estamos na Quadra Litúrgica da Páscoa.

* PASCOA: — A festa da Páscoa, este ano, foi em nossa casa uma presença mais viva da passagem de Cristo pela terra, que os demais anos.

Começámos a prepará-la, assistindo e vivendo as cerimónias de Quinta e Sexta-feira Santa. Na Vigília Pascal, dez dos nossos rapazes fizeram a sua 1.ª comunhão, a sua Comunhão Solene; três outros receberam o Baptismo:

foram eles o Tó Zé, o Luís Filipe e o João Maria. Os padrinhos foram respectivamente Zézito, o mais velho dos nossos três seminaristas, Joaquim, chefe do Lar de Coimbra e o Fernando que é o chefe da nossa casa de Miranda. Das Madrinhas, uma foi a Senhora da nossa casa e as outras, duas meninas estudantes, de Miranda, que são muito nossas amigas.

Depois das cerimónias os padrinhos e madrinhas acompanharam os seus afilhados a nossa casa onde conviveram connosco num pequeno «copo d'água».

Que eles saibam manter para sempre a pureza da sua alma, nesse dia eternamente testemunhado pelas alvas brancas que vestiram, são os votos dos seus irmãos Gaiatos.

Escusado será dizer que no Domingo houve rancho melhorado e que não faltaram amêndoas para roer.

No Domingo de Pascoela, tivemos a visita pascal do Senhor em nossa casa. Como há dois mil anos, uma semana após a Sua Ressurreição Ele aparecera aos seus discípulos, também quis visitar-nos a nós para que saibamos que Ele ressuscitou e com Ele ressuscitemos nós também.

António Ferreira da Silva

BAILES DE CARIDADE

Um dia destes Júlio trouxe-me mais um recorte de jornal. Neste, chama-se à «interessante festa o Baile do Ano», o qual «constará de um jantar seguido de baile em que participam duas orquestras, estando previstas numerosas surpresas».

A gente sempre gostava de saber que somas se movimentaram e que resultado líquido se obteve...!

Até aqui porém seria apenas um critério humano de julgar o empreendimento. Mas Caridade é uma palavra divina, que só profanando se pode utilizar como determinativo de baile.

Pai Américo zurziu tantas vezes estas «comissões de Senhoras da nossa melhor sociedade»! Porquê ainda o não ouviram elas? Porque não leram S. Paulo na definição descritiva da Caridade? Ou melhor ainda, não meditaram a definição substancial de S. João?: «Deus Caritas est» — que também é verdadeira na recíproca: «A Caridade é Deus»!

De modo que eu tomei esta insistência do Júlio como uma sugestão mais de Cima para lembrar Jesus «de manso e humilde Coração», batendo o azorrague nas costas dos vendilhões do Templo.

COLISEU
DO
PORTO

8 de Maio

DOMINGO

Às 18,30 h.

2.ª FESTA

BILHETES A VENDA: dias úteis no Espelho da Moda, R. dos Clérigos, 54 e todos os dias nas Bilheteiras do Coliseu do Porto.



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P.
PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

BELÉM

* CRISMA — No dia 25 de Março, dia da Anunciação de Nossa Senhora, mais seis Belenitas que receberam o Sacramento da Confirmação. Foi neste grande dia que o Divino Espírito desceu sobre nós, com mais abundância dos Seus dons, que nos dão mais força e mais coragem para cumprirmos melhor todos os deveres de cristãs.

A Mãe Ofélia que esteve cá a passar uns dias connosco, foi quem nos preparou para este Sacramento. Explicou-nos toda a doutrina a respeito do Divino Espírito Santo, fazendo-nos

compreender o melhor possível. Até que depois, chegou o grande dia. A tarde, por volta das cinco horas, fomos preparar para depois irmos. Mas antes, a nossa Mãe disse-nos quais eram as nossas Madrinhas. A da Jinha é a senhora D. Maria Luisa Valle, da Sãozita a senhora D. Maria Luisa Pimentel, da Dili a senhora D. Ludovina, da Lindita a senhora D. Maria da Conceição, da Fernanda a senhora D. Maria Fernanda, a minha a senhora D. Maria de Lurdes. São todas muito amigas da Obra.

O Santo Crisma foi ministrado pelo Senhor Bispo, durante a Santa Missa, depois do Evangelho. Depois da Santa Missa, as nossas Madrinhas deram-nos algumas lembranças. Ficámos muito contentes.

* PRIMAVERA — No dia 21 de Março começou a Primavera. Já está tudo florido, a começar pelos abrunheiros, que até já têm abrunhos e folhinhas verdes. As pereiras estão muito bonitas, algumas macieiras também já têm flor. A Primavera é a estação de mais flores, é uma estação muito bonita, não há frio nem calor.

Das estações que eu gosto mais é da Primavera.

É na Primavera que os passarinhos começam a fazer os ninhos, e na nossa quinta há muitos.

Na Primavera também fazemos muitos trabalhos no campo: semear, regar, schar, etc.. Também já começámos a regar o jardim e outras flores que temos ao longo de alguns muros. Nós gostamos muito de regar, porque é um trabalho leve. Mas o pior são as cantarinhãs que estão rotas e nós molhamo-nos todas. Todos os anos têm que ir ao lateiro.

JINHA

* BATATAS — Nós já começámos a plantar as nossas batatas. Já temos um bocadinho de terreno plantado com uma qualidade delas. Mas ainda

queremos plantar mais, pois nós somos muitas e para o ano todo não tínhamos batatas que chegassem para todas e nós gostamos muito de as comer.

Quem as andou a plantar fui eu, a Fernanda e o senhor José, que trabalha cá na quinta. Eu não sei como é que os senhores plantam as suas batatas, mas nós plantamo-las a rego. O homem fazia os regos, a Fernanda punha as batatas e eu adubava-as, fazendo um círculo em volta delas, para não as queimar, porque senão, adeus batatas.

Antes de se fazer a sementeira, nós raspámos a erva e espalhámos o estrume. Depois veio um Irmão das Missões, com uma motocultivadora, lavrar a terra e gradá-la. Por fim é que se plantaram as batatas.

Já temos o outro campo preparado para a plantação, que será por todo o mês de Abril. Espero que saiam grandes e bonitas.

Como vêm os senhores, já ajudamos muito, só em certas coisas é que não podemos, porque ainda somos pequenas.

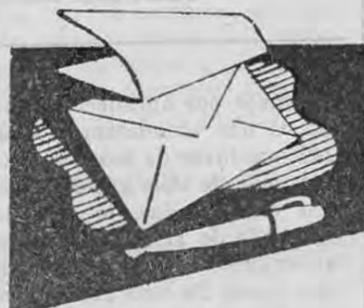
Então adeus até as batatas estarem criadas.

EDITE

CALVÁRIO

* GRATOS! — Lançámos o apelo nestas colunas por causa de um rádio. Não nomeámos nomes. Portanto ficarão no anonimato, pois não sabemos os nomes de quem nos atendeu. Estamos servidos... e agradecidos pela atenção dispensada! Bem hajam bons amigos!

Manuel Simões



Uma Carta

«O signatário desta é um humilde operário chefe dum agregado familiar, enriquecido com 7 filhos de ambos os sexos com idade entre 1 e os 17 anos e vivem em habitação tão exígua que a promiscuidade está a tornar-se num facto.

Para solucionar o meu problema habitacional dispus-me aos benefícios que a previdência social concede aos seus beneficiários, adquirindo com dinheiro emprestado um terreno para uma construção própria ao abrigo da lei 2092.

De princípio era desconhecedor totalmente da lei. Esta foi-me exposta em teoria tão animadora que só na prática verifiquei que fui seduzido.

Já gastei em documentações prévias todas as mihãs económicas. Por erros de estrutura e funcionamento exigem-me documentos de despesa elevada.

Em Junho de 1965 quando foi iniciado o meu processo foi dada à caixa uma estimativa de 76150\$00; como vão decorridos 10 meses de construções subiram, querendo-me agora um único empreiteiro 81.000\$00.

Nesta data fui informado pela caixa a que pertença que me foi concedido um empréstimo no montante de 75.000\$ exigindo-me agora os documentos restantes para a realização da escritura.

Necessito nesta altura de mais de 6.000\$00 sem possibilidades de os conseguir, o que se torna difícil prosseguir o meu sonho e da mesma forma se torna difícil desistir prevendo-se uma indemnização à caixa pelos serviços já prestados.

Foram todas estas dificuldades que me levaram junto de V. Rev.ª expôr-lhe mais um dos casos que a classe operária tanto enfrenta

sem solução, rogando para isto a sua melhor atenção e se dentro do possível me pode ajudar a fim de eu levar a efeito o meu grande sonho dando deste modo cumprimento ao plano traçado por Deus na procriação e educação.

Sera outro assunto, peço que me desculpe a ousadia e que me perdoe o transtorno que eu possa causar ao já espinhoso cargo de V. Rev.ª.

Aproveito para apresentar os meus cumprimentos».

Visado pela

Comissão de Censura